



TCC/UNICAMP

C823r

3280 FEF/1211

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O RISCO DA COMPETIÇÃO
EXACERBADA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Jesuina Silva Costa

CAMPINAS

1993



1290003280

Jessuina Silva Costa

O RISCO DA COMPETIÇÃO
EXACERBADA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação Física
da UNICAMP, como requisito
para a obtenção do título de
especialista em Educação
Motora na Escola.

Orientador: Prof. Jacimar Daolio

S U M A R I O

Página

Introdução	2
1. A Competição Segundo Alguns Autores	3
O Que É Competição?	5
2. Implicações Para o Trabalho Escolar de Educação Física.....	6
Como a Criança Chega a Escola	7
3. Conclusões	11
Referências Bibliográficas	15

INTRODUÇÃO

A competição está presente em nossa vida social como em todo. Sendo a escola parte desta, nela a competição também se manifesta, e temos que tratá-la dentro do contexto escolar.

É nas aulas de Educação Física que a competição se evidencia. O jogo oportuniza a competitividade e é usado como estratégia de ensino dos professores, tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino. O elemento competitivo aparece também nos pequenos jogos e, como não poderia deixar de ser, nos esportes.

Pretendo analisar os riscos que se corre trabalhando o elemento competitivo, sem consciência do todo que o envolve, deixando de aproveitar dos jogos competitivos um dos fatores mais importantes, que é o fator educativo.

Neste trabalho, no primeiro capítulo, procuro saber o que alguns autores pensam sobre a competição.

No segundo capítulo, apresento as implicações para o trabalho escolar de Educação Física: como e onde o aluno aprende, o contexto escolar, o profissional de Educação Física e o trato com o elemento competitivo.

Na parte final, apresento as conclusões do trabalho com perspectivas e limitações.

A COMPETIÇÃO SEGUNDO ALGUNS AUTORES.

João Batista FREIRE, em seu livro *Educação de um aprendiz*, diz que a competição está presente na vida de nossos alunos dentro e fora do muro escolar. A criança compete quando joga bola de gude, amarelinha, entre outros jogos infantis. Dessa forma, a competição é um elemento que faz parte da nossa cultura. No entanto, para alguns a competição é um "monstro" que deveria ser banido da escola, criando assim uma "criança pura". O autor defende a competição, mas alerta para o fato de que não é a competição a grande vilã e sim a importância que é dada ao vencedor, negligenciando a existência do perdedor e que, sem este último, seria impossível haver o primeiro. "Não se deve confundir o elemento competitivo contido no espírito humano e presente em todas as civilizações com as formas nefastas que a competição adquire em certos momentos da nossa história." (FREIRE, 1992, p.152).

Conclui o autor que para existir competição é essencial a presença do outro, tornando a atividade coletiva. Sendo assim, a competição estará "(...) cumprindo, entre outros, um papel fundamental: o de encaminhar para a cooperação". (FREIRE, 1992, p.153).

Para Terry Orlick, a competição pode ou não ser desumanizadora, dependendo do enfoque que é dado a ela. Se valorizar os fins, o vencer a qualquer custo, não importando se o adversário será ou não agredido fisicamente, infringindo ou não as regras, é evidente que essa é uma prática desumanizadora.

Esse autor classifica o termo agressão em diferentes formas:

- Agressão expressiva, quando o jogador agride o outro visando o resultado final, sem o desejo de ferir e sim o de receber elogios por ter sido bravo e forte com a vitória. Elogios estes provindos de pessoas socialmente importantes para ele.

- Agressão instrumental, quando o jogador não sente prazer em ferir nem espera recompensas por isso e sim deseja realizar e garantir o seu trabalho.

- Agressão destrutiva, quando o agressor deseja realmente ferir o outro. Expressa-se principalmente em ferimentos físicos.

Embora classifique a agressão em diferentes formas, o autor vê todas essas formas como atos desumanizadores e que não devem ser incentivados. "O prazer que acompanha a aniquilação de um outro ser humano é o resultado da socialização numa ética de ataque" (ORLICK, 1978, p.79).

O que é competição?

ORLICK cita Margaret Mead, que definiu competição como sendo "(...) o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo" (1978, p.81).

A rivalidade é outro elemento que pode aparecer com a competição. É quando um jogador não se preocupa em aperfeiçoar o seu desempenho e sim fazer com que o outro (adversário) não apresente bom resultado. "Tanto a rivalidade esportiva como a agressão destrutiva são extensões da competição, embora a competição certamente não precise ser levada a este extremo." (ORLICK, 1978, p.81).

O autor defende a competição cooperativa, em que o grupo vê a competição como um meio de prazer e alegria de jogar. Isso pode ser direcionado para a melhoria das relações sociais, emocionais e físicas. Dessa forma, aumenta-se as opções de resultados em relação à competição pura, em que só se pode ganhar ou perder.

IMPLICAÇÕES PARA O TRABALHO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Faz-se necessário narrar aqui um pouco das minhas experiências como professora de Educação Física, por ter sido também dessa prática que surgiram várias das questões que me levaram de volta aos estudos.

Uma das questões é que os alunos chegavam às aulas no início do ano, quando se pensava o planejamento de forma coletiva, com a expectativa de estarmos trabalhando em aulas somente os desportos. Para isso, eles sugeriam que os meninos fossem separados das meninas, por serem eles mais fortes e elas, "coitadas", mais fracas. Com argumentações de ambas as partes (professor e alunos), decidimos experimentar o trabalho com turmas mistas, tendo, em determinados momentos, atividades separadas.

Não vou demorar nesta narrativa: vou citar apenas um dos pontos mais graves que aconteceu em um desses momentos em que os meninos estavam separados das meninas: em uma das aulas, durante um jogo de futebol, um aluno deu um "carrinho" ou "rodinho" (como eles chamam a agressão) em outro que estava prestes a fazer um gol e de costas para o agressor. O jogo foi interrompido e tentamos conversar com o aluno agressor sobre as

motivos que o levaram a praticar tal ato. Ele não conseguiu dar uma resposta para mim e para o grupo que justificasse tamanha violência. Apenas disse: 'Ele ia fazer um gol'.

De fato, agredir o colega naquele momento o impediu de fazer o gol. Isso também mostra que o espírito lúdico estava fora do "jogo".

Conversamos, e eu fiquei preocupada com a resposta do aluno e comecei a pensar e a ler mais sobre a questão da exacerbação da competição nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, fica a opção de não apenas termos os alunos separados por sexo, mas também a de promovermos somente atividades em que se trabalhe individualmente e que não gere de forma alguma a competitividade exagerada. Porém, não é essa educação que queremos promover. Então, temos que traçar caminhos que valorizem mais as relações com o grupo do que a vitória simplesmente.

Como a criança chega à escola.

A criança chega à escola com uma visão de mundo que ela não produziu sozinha, mas que aprendeu no meio em que vive. Isso não significa que traga consigo apenas conhecimentos ou comportamentos desumanizantes, e que todas as crianças chegam de

mesmo jeito ou formação. E também não significa que em todos os momentos semelhantes ao citado, a criança aja da mesma forma, talvez jogando com o mesmo grupo em outro momento, nada do citado teria ocorrido.

Como influência ao meio, a criança imita não só o comportamento dos pais e irmãos, mas também de tudo que a rodeia, como a televisão, o rádio, o jornal, a comunidade em que vive e de seus mitos, jogadores profissionais, por exemplo, que apresentam sempre um espetáculo de pancadaria via satélite ou ao vivo. (Não quero com isso justificar o ato do aluno e sim levantar hipóteses). "(...) se a violência se aprende, também a contra-violência se ensina", (CARVALHO, 1985, p.173).

O ensino da contra-violência se dá por meio do diálogo. O Educador deve estar atento para, no momento do ato agressivo, intervir, parar a atividade e conversar. Esse diálogo deve garantir a fala dos alunos, pedir a participação do grupo todo, dando-lhes a responsabilidade de auxiliar na melhoria das relações do grupo.

O Educador pode, também, promover momentos de discussões e reflexão em cima de noticiários esportivos ou textos selecionados. Sendo todo o material preparado com antecedência.

A escola não pode por si só resolver assuntos tão complexos quanto é a questão da violência em nossa sociedade. Também não pode fechar-se para tal problema.

acho que é de consenso pensar que na maioria das vezes os profissionais que na escola atuam não estão preparados para exercer suas funções de educadores. E, na maioria das vezes isto é correto. Encontramos, principalmente na Educação Física (isto principalmente por ter maior contato com pessoas da mesma área) profissionais que, consciente ou inconscientemente, apregam que a vida é assim mesmo: temos que ensinar na escola o que a vida exige lá fora, pois só sobressai nesta sociedade indivíduos espertos, vivos, que sabem aproveitar o momento certo para se projetar. E vêem no esporte um bom instrumento para treiná-los para essa "vida maravilhosa" lá fora, onde vale a lei do mais forte, e do esporte aproveitam o máximo.

A meu ver, o profissional da Educação, no caso Educação Física, tem que trazer consigo conhecimentos que se referem ao desenvolvimento global da criança, não apenas físico, mas também psicológico. Para que, consciente disso, possa traçar os objetivos específicos, respeitando as fases do desenvolvimento da criança. Colocar tal planejamento em prática e, fundamentalmente, avaliar se o planejado foi ou não atingido. Se não o foi, fazer as mudanças. E, como não poderia deixar de ser, a competição entrará neste planejamento. Não podemos ter como única saída o seu fim na escola. Temos que garantir melhores condições para trabalhá-la.

FREIRE afirma que não existe jogo em equipe que não seja cooperativo (1993). Não podemos dizer que uma equipe que traz consigo o lema ganhar a qualquer custo e que para isso usa até de agressão física contra o adversário, não esteja praticando um jogo cooperativo.

Portanto, o professor de Educação Física, conhecedor da especificidade da sua área de ensino, também terá que trazer consigo valores humanos altruístas, para que possa abordar tais assuntos com responsabilidade, contribuindo talvez para a possível transformação do aluno e, por extensão, da sociedade.

A competição pode trazer consigo momentos de grande alegria. Faz com que o participante experimente emoções que em outros momentos talvez não aconteça. Lembro-me de quando tinha entre 11 e 13 anos. Eu e outras crianças que eram minhas vizinhas passávamos as tardes de domingo jogando "bola-queimada". Só parávamos quando escurecia.

Para preservar esse caráter lúdico é necessário garantir a participação de todos e que não se propicie preconceitos de raça, peso e outros. É preciso que o grupo decida sobre as regras da atividade, para que eles não se exijam apenas que as cumpra, mas também que avalie se elas devem ou não ser alteradas, para melhor aproveitamento do jogo.

CONCLUSÃO

Considerando o que foi dito sobre a competitividade, podemos concluir que ela será de grande valia, auxiliando na formação de valores dos nossos alunos, se for trabalhada de forma responsável e consciente.

É claro que é muito mais fácil, e às vezes eficiente, punir o ato agressivo. O trabalho que considera a possibilidade de melhorar as relações pessoais é árduo. O Educador terá que ser muito paciente. Terá que ter controle emocional para não fazer julgamentos apressados. Terá que agir com o máximo de imparcialidade. E, ainda enfrentará muitas vezes os alunos dizerem: "Vai parar o jogo de novo? Manda esse cara pra diretoria!", ou então: "Dá suspensão prá ele!", pois, é a esse tratamento que estão acostumados.

O ato agressivo é, na maioria das vezes, impensado. E a Educação Física corre o risco de também ser, se revertsos os alunos às aulas apenas para repetir gestos, tanto de ginástica, quanto os esportivos.

Este trabalho é resultado de pesquisa feita com poucos alunos. Talvez este estudo apenas comece a desenvolver um assunto tão complexo como é as relações sociais no nosso meio. É necessário ir mais fundo às ciências sociais e às ciências humanas para obter uma visão mais completa sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A. M. de. A Violência no Desporto.
Livros Horizonte, 1985.

FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro. Escapade,
1992.

ORLICK, T. Vencendo a Competição. Círculo do
livro, 1978.